



A cruz como imagem. O imaginário que permeia o homem na formação da consciência nos fatos sígnicos¹.

Marcos Martinez Munhoz²
Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP.

O artigo irá discutir a cruz cristã como imagem no seu sentido imaginário. A imagem da cruz produz na cultura cristã o signo dominante em seu significado. A imagem é formadora da consciência no espaço cultural, no qual, o homem dá compreensão as suas atitudes como conscientes. O objetivo desta pesquisa é identificar, através de revisão bibliográfica, uma discussão da imagem da cruz e a sua dimensão simbólica. O pensamento será o objeto de discussão neste artigo. O simbólico da imagem permeará o domínio no ambiente social, transformando não somente o pensamento, mas também o próprio imaginário como ação nos locais sagrados e profanos. Serão utilizados nesta discussão: Mircea Eliade “História das Crenças e das Ideias Religiosas”; A essência do cristianismo: Ludwing Feuerbach; e Michel Foucault em “As palavras e as coisas”.

Palavras chave: Imaginário; Consciência; Religiosidades; Imagem;

¹ Trabalho apresentado no DT-8. Estudos Interdisciplinares XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, RJ - 4 a 7 de setembro de 2015.

² Doutorando no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP.

1- O esgotamento e a forma

Uma imagem religiosa é uma representante visual da linguagem humana, produz cultura e transmite valores simbólicos educativos, representativos, significantes e normativos ao seu uso como compreensão pela linguagem humana e como suas leis serão representadas e compreendidas em espaço público ou mesmo privado nos princípios da fé, promovendo não só comportamentos sociais religiosos dentro da instituição como espaço religioso, mas também fora destes espaços, difundindo a cultura religiosa. Neste artigo iremos discutir o valor simbólico da imagem da cruz cristã, vista somente como objeto simbólico da sua imagem, não na construção da identidade como objeto do significado cristão da ordem monástica, mas sua ação imagética como conversão pela arte do homem em seus sentidos, em específico, sua visão.

O maior legado transmitido pelo cristianismo após o império Bizantino, é o valor simbólico da cruz cristã. Esta imagem iconográfica possibilita aos homens reconhecerem locais/objetos/formas, onde remetem à ideia do símbolo maior cristão: a crucificação de Cristo. A cruz que serviu como condenação pública, após o palco episódico da via-crucis, trouxe nas mentalidades a sensação humana de uma punição e uma atenção ao significado da imagem, que remete ao signo da ideia em que a posição do ícone religioso seja visto como corpo sacrificado e ao mesmo tempo, símbolo de fé. Desde o princípio, a imagem representa o domínio de uma ideologia. O objeto cruz não é conhecido somente por seu valor histórico, mas também como símbolo da maior representatividade de uma memória episódica e interpretativa do imaginário na busca da transcendência. A imagem possibilita ao homem a compreensão do que é explicado pela arte que decora a forma geométrica da cruz. Nela encontramos o princípio da ideia de punição, e o resultado da punição pela imagem de Cristo.

É uma imagem que contempla o tempo e espaço em uma extremidade, altura e chão em outra. A imagem não necessita ser explicada ou valorizada, pois através da posição e dos sentidos em que o olhar se curva pelo imaginário, o interpretante encontra um dos maiores significados e significantes que uma imagem pode explicar em um pensamento religioso. Mas, no cristianismo católico, a cruz é vista como imagem de adoração, contradizendo segundo os protestantes cristãos, o princípio bíblico. Podemos ver nesta citação tão comum naqueles que não utilizam Cristo ao centro da cruz. “DT (26) 15 Maldito o homem, que faz imagem de escultura ou fundida, que é a abominação do Senhor, a obra da mão dos artificies, e a põe num lugar escondido: e todo o povo responderá, e dirá: Amém”.

A imagem de Cristo ao centro da cruz descreve um acontecimento. O protestante ou aquele que não a vê como comunicação de um pensamento de adoração, repudia não a cruz, mas o pensamento da imagem de Cristo ao centro dela.

Alguns são estados passivos das sensações, outros disposições positivas; alguns, por outro lado, tendem a proteger e preservar a vida, enquanto outros tendem a destruí-la e extingui-la. Está claro, quer com fundamento no raciocínio, quer independentemente do fundamento no raciocínio que a sensação é produzida na alma por meio do corpo. (ARISTÓTELES, 2012, p.40)

É no olhar cristão católico que o valor se altera na mesma imagem, e não na mesma ideia. Cristo ao centro da cruz define o momento cristão, não sendo o mesmo para o protestante, mesmo sendo uma mesma história recontada pela imagem. Seu efeito só é aceito quando Cristo não está na imagem, no centro, questionando o protestante. “Cristo ressuscitou, e se ele ressuscitou, ele não está mais na cruz. Não somos como os cristãos que adoram a imagem de Cristo. Cristo estás nos céus. Ele ressuscitou¹”.

Durante muitos séculos, esta imagem com cristo ao centro sempre foi aceita e valida. Foi somente a partir de interpretações bíblicas e do período histórico que altera as mentalidades, que o fato teve seu tema discutido, a cruz sem Cristo, se serve como adoração, dando na mesma imagem com Cristo ao centro limites, reconhecimentos e adoração por um lado

¹ Frase comum utilizada como linguagem popular que explica o porquê da não aceitação do Cristo no centro da cruz. Nota do autor.

adorando a imagem com Cristo, e se separando aos que admiram o Cristianismo sem a imagem.

O uso da cruz, e todo seu significado, divide a mesma crença neste mesmo princípio que a cruz nos é apresentada como valor simbólico das formas. Tendo a ideia, mas não a forma, a cruz é uma interpretação de pensamentos que a mesma nos possibilita em significados.

Se o resultado é eficaz, o que se resulta além da prática, é sua repetição, até seu esgotamento como ideia.

O civilizar é educar, ou seja, preparar o homem para a ação no ambiente social, e a ação deste mesmo homem, perante outros homens que vistos como que uma troca de interesses e valores nos comportamentos em pensamentos que tornam um fato aceito, as formas de linguagens dos gestos podem ou não interferir no ambiente com outros homens, que quando socializado, o bem e mal serão julgamentos destas atitudes.

A cruz cristã é um objeto sagrado que representa uma autoridade temporal, carregada de valores simbólicos que remetem ao sentimento punitivo religioso de um passado glorioso de grandes realizações e fatos, possibilitando o imaginário presente no pensamento que fundamentam uma glória e ao mesmo tempo uma culpa existencial do homem para o símbolo do retorno ao modelo ideal como forma máxima simbólica e consciente para o homem.

Mas o domínio do passado consciente nos pensamentos, não remete somente o poder divino impondo seus poderes, mas também o poder sedutor que a ideia sensibiliza o ser humano e seus pensamentos. O fato é sempre apresentado como mistério e poder transcendente para o intelecto humano, causando desde a promoção da ideia até o sensível que defende a vida de todo um próprio veneno que ela mesma explica à cura. A ideia é formulada a partir da defesa e da culpa, na graça e na tortura, no corpo e na mente. Uma ideia da dualidade que o pensamento se permite alcançar com o poder dominante que enfraquece a razão e fortalece a emoção. Quando força: explica à moral; Quando forma: explica a ética.

São formas simbólicas e ideias religiosas como cristianismo que definem naturezas, credos, crenças, objetos, adorações, costumes e outros desde um ideal remoto, mas cada religião e religiosidade à sua maneira e à sua forma, transmitem para o homem a comunicação de um ou mais entes divinos produzindo na narrativa o tempo e estação ideal. Cabe na promoção religiosa

o poder de promover necessidades dos povos de diferentes épocas materializando a ideia no poder dominante na história humana.

Os homens, além de dividirem os espaços sociais e o tempo histórico dedicados à memória que os episódios caracterizam um tempo mítico imaginário nas grandes verdades religiosas se arrastando nas mentalidades, produzem narrativas sobre maravilhas transcendentais. Desde o período primevo da cultura, os registros humanos são marcados por anotações que a linguagem remete a uma força superior além da humana. Ao que parece o homem necessita demonstrar e reconhecer algo como superior a ele. Desta forma, quando demonstrado, produz desde o seu corpo como expressão, até objetos como representação. Utiliza no princípio da cultura, uma interpretação da própria imagem como sombra num espelho. Reproduz a partir do seu olhar sua imagem, estampa, risca, desenha, esculpe e etc., - os planos, espaços, objetos. Mas antes de todo o resultado, passa por ele decidir como serão às cores, às formas, o simbólico, o local, o tempo e o espaço, as linguagens e por fim: a ideia que remete ao algo.

Naturalmente, a questão da origem da linguagem é um dos temas que melhor podem se prestar a delírios organizados, coletivos ou individuais. Não é o que temos a fazer. A linguagem está aí. É um emergente. Agora que emergiu, jamais saberemos quando nem como começou, nem como era antes que fosse. (LACAN, 2005, p. 24)

Assim, poderíamos imaginar por suposto, que a linguagem inicia no próprio reflexo humano. São elas, influência do ambiente, na natureza e da consequência nas ideias, do humor que explica as coisas, da curiosidade e na limitação que o imaginário permite o resultante do ver (interpretar) e os sentidos do corpo (sensações), tudo como pensamento e como explicação. Em locais como uma caverna que remetem ao útero, ou mesmo a cruz cristã que pune Cristo, são definidoras em objetos que confiam significados conscientes em explicações religiosas inconscientes, mesmo que as formas sejam incompreensíveis para um tempo atual dentre as novas realidades, o homem acredita nestas formas do passado, sua relação comunicante. Geralmente os objetos comunicam o princípio de uma narrativa sagrada, que por ter crédito em crença, se tornam verdades, compartilham uma realidade explicada, e por fim no princípio sagrado. São objetos que se vistos separados do seu valor mítico, não se tem uma relação com o mito, mas fundamentado pela ideia se tornam crenças acompanhados de linguagem,

se moldam na pedagogia consciente, sensibilizando o homem na recepção e produção de verdades.

São sonhos erguidos mentalmente em forma de arte, que se traz uma relação entre o real e o imaginário social, traduzem profundidade no pensamento humano, se tornam as narrativas que nos possibilitam compreender mentalmente as teorias que explicam a prática do princípio, são suas compreensão dos fatos, que se elevam no tempo (memória) no nosso elo (imaginário) entre as gerações humanas e o arcabouço que nos possibilita devolver através de sensações primitivas (útero, caverna, cruz, crucificação). É interessante relacionar o uso de associação com este trecho abaixo na citação de Mircea Eliade, na mitologia Grega.

Fecundidade desmedida e às vezes monstruosa, específica das épocas primordiais. Mas Urano odiava seus filhos “desde o primeiro dia”, e escondeu no corpo de Géia. Irritada, a deusa fabricou uma enorme foice e dirigiu-se aos seus filhos; “Filhos nascidos de mim e de um furibundo[...], castigaremos o criminoso ultraje de um pai, ainda que seja o vosso, pois foi ele o primeiro a conceber obras infames.” Mas, aterrorizados, “nenhum deles proferiu palavra”, exceto Cronos, que se encarregou da tarefa. E, quando Urano se aproximou, “embriagado pelo desejo de penetrar o corpo da Terra” (Ésquilo, Nauck, fr.44), Cronos castrou-o com sua foice. Do sangue que se derramou sobre Géia vieram ao mundo três Erínias, deusas da vingança, os Gigantes e as Ninfas dos freixos. Dos órgãos sexuais de Urano lançados sobre o mar e envolvidos por uma espuma branca, nasceu Afrodite (*Teogonia*, 188 s.). (ELIADE, 1983, P. 78)

Esta é uma narrativa que, como, a da caverna que remete ao útero, e a cruz, como crucificação do Deus, é o retorno na fase narrativa do acontecimento no seu nascimento. Se a cruz, além de objeto geométrico, possibilita que seja identificada a dor e o sofrimento. Na caverna, diferente da dor de uma crucificação, tem o caminho apertado e escuro que leva até o seu centro, sendo o caminho do retorno, ao útero materno. Apesar da imagem da crucificação ser desconhecida para nós, sendo somente especulações desta imagem que remontam o imaginário deste tempo através de mentalidades que voltam sempre a explicar o grande sacrifício. Dado o significado religioso que remonta o tempo, podemos imaginar que naquele período tenha sido muito mais emotivo que no nosso, e quando se encontra restos

arqueológicos desta época no entorno do que pode ter sido a cruz e todo o seu desenrolar narrativo, tenha sido construção do próprio homem, remontando o palco histórico, tanto quanto nós remontamos a ideia na atualidade.

Quando o início é pelo contato com o corpo e o semelhante, é dentro dele, a busca do si como processo, e neste caminho delinea, entre o pensar e o não. Quando se pensa, logo surge a ideia divina, quando não, se aproxima da essência da alma. Sendo assim, o homem interfere nesta longa jornada que é a lógica divina, reprimindo com a ideia, preenchendo os espaços com verdades, desde a imagem como forma, com a face no seu espelho, na sua forma e por fim; o vazio e o seu substantivo com palavras que dá ideia e remetem a coisas. Segundo Feuerbach, a palavra é o determinante que objetiva o ser divino em ser real. São as palavras que explicam o objeto, que a partir da palavra bem falada, do seu uso poético em transmitir o som que explica o imaginário religioso, “Quem fala encanta, seduz aquele a quem fala; mas o poder da palavra é o poder da imaginação” (FEUERBACH, 2007, p.101). Sendo assim, a palavra não somente cria o valor simbólico e representativo dos objetos religiosos, sendo bem explicada, produz sentido. A imagem religiosa por si só, é uma explicação abstrata do racional, é a palavra que explica sobre o abstrato. A imagem divina, imaginada, sendo reproduzida pelo homem como adorno religioso, não ultrapassa os sentidos humanos na sua essência, mas, por outro lado as palavras que a explicam na sua sensibilidade, incorporam o homem ao significado.

A palavra é o pensamento plástico, revelado, refulgente, brilhante, iluminante. A palavra é a luz do mundo. A palavra leva a toda verdade, soluciona todos os mistérios, mostra o invisível, torna o presente o passado e o distante, termina o infinito, eterniza o temporal. Os homens passam, a palavra permanece; a palavra é a vida e a verdade. À palavra é dado todo o poder: a palavra faz com que cegos vejam, paráliticos andem, doentes se curem e mortos ressuscitem – a palavra faz milagres e na verdade os únicos milagres racionais. A palavra é o Evangelho, o Paracleto, o Consolador da humanidade. [...] A palavra tem um poder redentor, conciliatório, enlevante, libertador. (FEUERBACH, 2007, p. 102)

A representação mental dos objetos e no uso das palavras dando sentido e significados, o homem explica, personifica o objeto de arte em pensamento. O sentido se apodera do ambiente, e na mente dos homens. Objetos que representam o abstrato divino, explicados como imagem de adoração e de mística significantes. São objetos que remetem ao ciclo da criação. Refletem ao princípio, a criação do ente divino. O símbolo será o representante divino na terra dos homens. É nele que se explica o abstrato. O uso das palavras o fará compreensível para homens, sem estes o homem interpreta a partir das suas próprias linguagens interpretativas visuais, que iriam distorcer o mesmo objeto, sendo este podendo não ser adorado, devido a explicação que o próprio objeto explica por si só visualmente. Então, se produz objetos e no mesmo dando a ele sentido, uso, interpretação, exposição, encontro e destino. São objetos que não fazem sentido algum a outras espécies de seres, somente aos humanos e suas linguagens, é nelas que se nomeiam os representantes divinos na terra e na consciência dos homens. Remetem o princípio comunicador, é mediação entre o compreensivo *visto* e o abstrato divino incompreensivo *imaginado* .

É por essa razão que, no princípio, há sempre um símbolo, cuja multiplicidade de sentidos será maior possível e cujo caráter indeterminado e indeterminável o mais marcante. [...]. Os símbolos se reúnem em torno da coisa a ser explicada, compreendida e interpretada. O ato de conscientização consiste no agrupamento de símbolos ao redor do objeto, todos eles circunscrevendo e descrevendo, a partir de vários lados, o desconhecido. Cada símbolo desvela outro lado essencial do objeto a ser percebido, aponta para outra faceta do seu significado. Somente o cânone de tais símbolos congregados em torno do centro em questão, o grupo simbólico coerente, pode levar a uma compreensão daquilo para que os símbolos apontam e tentam exprimir. (NEUMANN, 1995, p.26)

Sendo assim, podemos concluir que os objetos recebem o seu valor, quando este valor tem de ter um sentido simbólico representativo na compreensão da linguagem das palavras que se dirige, vê, ouve e sente sobre o objeto em si. No caso apontado da cruz cristã, o mérito é a exaltação do sentido religioso em um objeto que remonta ao início fundador e a marca que deve ser lembrada como um estigma, porém, sem marcas da dor, mas com marcas da identidade, que o homem deve reconhecer no meio social, são palavras que marcam o objeto

sem o som da fala. Ele deve sentir seu poder como essência da sabedoria que a imagem exerce sobre seu pensamento.

Não há diferença entre essas marcas visíveis que Deus depositou sobre a superfície da terra, para nos fazer conhecer os seus segredos interiores, e as palavras legíveis que a Escritura ou os sábios da Antiguidade, esclarecidos por uma luz divina, depositaram nesses livros que a tradição salvou. [...] o discurso dos antigos é feito à imagem do que ele enuncia; se tem para nós o valor de um signo precioso, é porque, do fundo do seu ser, e pela luz que não cessou de atravessá-lo desde o seu nascimento, está ajustado às próprias coisas, forma seu espelho e sua emulação; ele é para a verdade eterna. (FOUCAULT, 2007, p. 46)

Tal é, a forma que o objeto vincula o homem ao seu espaço, em palavras organiza pensamento, estes significam desejos e animam divindades. Pensamentos fazem dos objetos educação pelas palavras representantes do domínio, explicadas para o sentido humano no mundo. Dentre culturas, cada uma em sua época e linguagem, transmitem sabedoria cultural como princípio da ferramenta dominante. Ela pode tanto explicar os objetos pela palavra que remete, como: justiça, ordem, dever, ídolos e heróis, reflexões, verdades e etc. Porém a compreensão humana, produz a realidade explicada. São relíquias de cunho humano, que remetem ao fragmento da explicação de divindade. São elas: escrituras, pinturas, objetos sagrados, esculturas e outros milhares de representantes - que remetem ao discurso divino. O discurso une o humano ao objeto e o objeto ao discurso que resultam em significado. A linguagem vai se desenvolvendo pelos objetos que o homem constrói ideias e nas formas dá a elas significados. Sendo assim, quanto maior a influência e importância de um objeto visto ou não no pensamento, mais ele terá de ser repetido por todos, se tornando além de significado, um significante no meio humano. A expansão do pensamento em torno do objeto, gerando conflitos e ao mesmo tempo perguntas e respostas aos estímulos que os sentidos lhe pedem atenção, estimulando a percepção. Requer um elementar vocabulário de palavras que explicam o objeto em todo o seu contexto, não dando margem a interpretação nula, ou a nulidade do objeto em si. Desta forma, quanto maior for a explicação e sua não comprovação em fatos sensoriais, maior o estímulo em busca da sua comprovação. As palavras que remetem e nominam associações a objetos serão responsáveis pela evidencia divina. Os

estímulos produzidos, são explicados pelo objeto em si, provocando significados que as palavras respondem e explicam. As respostas serão as mesmas palavras utilizadas para explicar e perguntar, e que são parte do mesmo vocabulário que recebe como linguagem. Desta forma, os estímulos pergunta e resposta são processados para ele, e nele mesmo. Quase um transe - entre o contato e a intuição do ser - o *corpo* que sente externamente e os *sentidos* que se comunicam com a essência do homem internamente. É o contato com o próprio ser, uma sabedoria, um saber que o homem não domina, mas sente. É como provocar a dor, para se sentir no corpo o que nela mesmo se sente.

Doravante, o homem através de uma ideia já pré-concebida dos fatos, transmite para os novos homens, as verdades culturais, reproduzindo fatos históricos dominantes que merecem ser compreendidos e repetidos incansavelmente através dos ritos, mitos, costumes e leis. Serão estes o retorno ao mesmo tempo fundador, no qual os objetos, são verdadeiras relíquias deixadas ao homem como culto ao seu sentido formador nos significados simbólicos estruturalizantes. O homem irá receber e retransmitir o mesmo fato com palavras que dominam a educação dominante pelas gerações que expandem a representação simbólica. As palavras, letras, pinturas, oralidades e outras comunicações, estarão presentes em uma fonte estruturada de explicações. O uso pedagógico das ideias, da interpretação, sabedoria, compreensão e por último, verdade, traz ao homem: técnica. É ela que produz aprendizagem, acumula e explica conhecimento. Através da transmissão no qual o homem é comunicado, comunica e é comunicável. Homens não pensam da mesma maneira, mas, observam o valor simbólico da mesma forma quando explicado o que explica e como se pretende que entenda, ou atinja a ideia central. É independente da época, do sentido, da vontade ou mesmo de verdade técnica. É a loucura que se torna controlável, é o distante do corpo que se domina com o pensamento. É a companhia do ser supremo, comandante de todos os outros homens, que, ao modo individual, protege o ser. É a comunicação, entre o que se sente e o que se prevê sentir. Homens dividem o pensamento e próximo ao místico, se reproduzem na sensibilidade como envolvimento.

Os homens se comunicam e dividem assim uma mesma opinião mítica. A mítica, produz um mesmo fim. Ela não forma somente o vínculo com o pensamento, mas transforma também o

ser. O ser é evoluído por sua característica biológica da sua natureza. É envolvido pelo tempo que necessita de outro ser para defender a vida, o ser mais velho se encarrega de assumir a formação da sua defesa. É como um pássaro que leva o alimento para seus filhotes no ninho, o homem, porém, como característica única, se encarrega de alimentar com ideias, e essas, são produzidas em linguagem, impressionam o mundo deste novo ser nos seus primeiros anos vida, causam um sentido a ser explorado, e sua sequência, um sentido a ser transmitido. A vida é um ato contínuo, e a espécie descendente, defende esta mesma ideia como memória da sua evolução.

2- A imagem mítica

A visão humana, é o sentido que interioriza a maior parte de informações externas ao corpo. Apesar de se limitar no biológico humano, na sua distância e proximidade no campo observável, o micro e o macro, são ignorados como sabedoria. Homens na história desenvolvem técnicas como ferramentas que expandem a visão humana, dando a ele novas interpretações sobre aquilo que o homem não enxerga com sua visão tridimensional limitada comum. É a própria ciência que forma o desvio da história mítica, porém, como se intenciona aqui em discutir mítica e não ciência, a referência serve somente para demonstrar que aquilo que o homem define como mítico, é tudo aquilo que ele não consegue observar, sentir, cheirar, etc., sem o auxílio de uma arte que a vincule desde a forma até a ideia, e por fim, se tornando consciente. Assim, aquilo que não vê com os sentidos, interpreta com o imaginário. As imagens podem ser diversas, comunicam pelos sentidos no interior do imaginário humano. Homens, a explicam como primeira e universal forma de contato com o inimaginável, através da sua potência como ser comunicável e a capacidade da produção mental de formas, ampliando o seu limite de visão através de uma lógica que permeia uma via única de sensações. Homens constroem objetos, e tentam explicar sua função através dos estímulos que os mesmos provocam ou projetam no corpo como sensação, desde de proximidade ou de percepção. Desafiam ordens biológicas, projetam mundos a partir das suas ideias, criam experiências, produzem situações, desafiam verdades orgânicas, comunicam

nas sensações que estimulam os sentidos, utilizam ferramentas como seu principal modo de comunicação e nada mais além que seu próprio corpo como representação e essência no sentido. Sentem que as palavras (signos) e ferramentas (objetos), quando bem falados e quando as ferramentas além de ser parte do seu próprio desenvolvimento cultural, promovem uma sequência de visões no mesmo ato resultados de um convívio social, e envolvem outros humanos, às formas convencem a linguagem, sendo pelo uso, ou mesmo que pela função que projetam no humano a forma e o objeto, numa estrutura representante e numa representação humana estruturalizante.

O mítico pode ser somente sentido pela essência humana quando explicado no inteligível humano, ocupando linguagens de um tempo no corpo e toda a sua dimensionalidade e extensão do saber.

O homem delimita os espaços comunicantes através de objetos que ele designa em imagens, esculturas, retornos, memória, heroísmo, nascimento, morte e etc. São domínios simbólicos que comunicam linguagens, gerando significados orais ou visuais em uma cultura. As disposições destes objetos constroem um vocabulário próprio nas imagens mentais, e nos gestos produzindo linguagens culturais de tempo, desde o sentido até a convenção entre os homens. O ponto central de uma ideia, se funde em um local ou princípio com o eterno retorno no mesmo ponto. Esclarecendo pelos comunicantes a essência mental de significados que ocupam o espaço desde o convívio a formação civilizatória, através do explicado e do compreensível.

A través de los signos reconocemos como se comportam entre sí las distancias, los intervalos y los rangos sociales em los que nos movemos. Donde faltan los signos nos imaginamos la nada y, donde parece haber nada, nos apresuramos a colocar um signo de ordem. (PROSS, 1989, p.37)

A transmissão de comportamentos informa o seu uso como corpo comunicante desde o sentido, até o homem e seu contato com a matéria, produzindo assim a comunicação como memória e como imaginário. Quando estas imagens mentais se transformam em recortes comunicáveis em uma superfície, e quando se produz significado no sentido, a ação pedagógica do saber, organiza uma mesma ideia do significado cultural, assim, o homem se torna refém da própria criação como ferramenta.

3- O mito e a explicação da imagem

A discussão ocorre no homem e seu imaginário, que capaz de supor sobre os pensamentos de outro homem, busca o domínio da sua interpretação mental, contando e descrevendo um fato através da poesia sentimental, comunicando os fatos naturais ou não, diretamente aos sentidos do corpo, desde o fato, até o processo criativo que age diretamente no domínio, pensamento e ação. O mito é uma fabula externa ao corpo, e na sua internalização, a fantasia e a poética se tornam essência, e não por um fato alegórico independente, mas por ser interiorizado com o profundo saber da aceitação como verdade que provoca no homem uma sensação de bem-estar entre o fez e faz. Quando a imagem carrega somente traços e estes não interferirem no intelecto ou no imaginário do homem, é somente uma imagem. Mas, quando esta mesma imagem, informa algo que o homem interpreta na sua essência imaginaria ou na imagem mental, a mesma imagem fundamenta significados e significantes cabíveis a revelar um mistério imaginário, e esse mistério é o princípio do mito que o homem entende e produz: o incompreensível em fatos compreensíveis. Da fabula que se originou, para a verdade que se explica. Uma citação de Campbell bem interessante, fazendo referência a Frobenius,

“Um professor” escreveu Leo Frobenius em um famoso ensaio sobre a força do mundo demoníaco (*daimoniacós*) na infância, “está escrevendo em sua mesa de trabalho e sua filha de quatro anos está correndo pela sala. Ela não tem nada para fazer e o está perturbando. Então, ele dá a ela três palitos de fósforos queimados, dizendo: ‘Olhe, brinque com isto’, e ela senta-se no tapete e começa a representar, com os fósforos, Joãozinho, Mariazinha e a bruxa. Assim passa um bocado de tempo, durante o qual o professor concentra em seu trabalho sem ser interrompido. Até que, de repente, a menina grita aterrorizada. O pai corre, perguntando: ‘O que é? O que aconteceu?’ A menina corre para ele, mostrando todos os sinais de pânico. ‘Papai, papai’, ela grita, ‘tire a bruxa daqui! Não suporto mais a bruxa!’” “Uma explosão emocional”, observa Frobenius,

E ainda:

é característica de uma mudança espontânea de uma ideia, do nível dos sentimentos (*Gemüt*) para o da consciência sensorial (*sinnliches Bewusstsein*). Além do mais, o surgimento de tal

explosão obviamente significa que determinado processo espiritual se completou. O palito de fósforo não é uma bruxa; tampouco o era para a menina no início da brincadeira. O processo, portanto, está no fato de o fósforo ter-se *transformado* numa bruxa no nível dos sentimentos e a conclusão do processo coincide com a transferência dessa ideia para o plano da consciência. A observação do processo escapa à avaliação do pensamento consciente, pois ela entra na consciência após ou no momento da conclusão. Entretanto, desde que a ideia *é*, ela deve ter se *tornado*. O processo é criativo, no melhor sentido da palavra; pois, como vimos, para uma criança um palito de fósforo pode tornar-se uma bruxa. Concluindo: a fase do *tornar-se* ocorre no nível dos sentimentos, enquanto a do *ser* está no plano consciente. (*Apud* CAMPBELL, 2010, p. 32)

3 - Conclusão

Discutir sentidos religiosos e significados transcendentais, é de suma importância para entendermos a interferência e inferência de objetos e sentidos que permeiam os homens nas suas ações imaginárias. Se associando as formas simbólicas às verdades e noções de linguagens, capacitam o homem explicar os objetos com habilidade no desenvolver de uma realidade projetada nos fatos, resultando em comportamentos. Podem ser objetos inanimados, que pela técnica persuasiva, pedagógica, fenomenal, na arte e representação, se tornam animados (realidade), ou seja, controlam o próprio ser que o construiu e o que posteriormente outros homens a utilizarão como referência ao fato. Seria como uma própria extensão do imaginário humano, são seus sentidos corporais que criam e que escravizam o saber por uma definição simétrica dos objetos perfeitos, e quando, na sensibilidade do ser, é o próprio sentido do corpo que externaliza o comunicar assimétrico pela parte que lhe cabe a interpretação.

Porém, seria muito simples que os homens julgassem seus atos, e pudessem desenvolver mentalmente alguma técnica na aprendizagem, e lançassem novas formas do saber na comunicação sem o uso dos sentidos adquiridos, e fizessem com que outros homens duvidassem da repetição de uma prática resultante em costume, cultura e vida explicada ou em fatos adorados, adornados, elevados, embelezados, reverenciados e por fim, imitado como sensação, descoberta e por fim: esclarecimento da verdade.

Referências Bibliográficas:

- ARISTÓTELES. **Parva Naturalia**. Ed. Edipro: São Paulo, 2012.
CAMPBELL, Joseph. **As Máscaras de Deus IV**. Ed. Palas Athena: São Paulo, 2013.
ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideias Religiosas**. Ed. Zahar: Rio de Janeiro, 1983
FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo**. Ed. Vozes: Rio de Janeiro, 2013.
FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. Ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007.
LACAN, Jacques. **Nomes do Pai**. Ed. Zahar: Rio de Janeiro, 2005.
PROSS, Harry. **La Violencia de los Símbolos Sociales**. Ed. Anthropos: Barcelona, 1989.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015
